

CONTEXTO HISTÓRICO.:

Didaticamente, convencionou-se determinar como marco inicial do Humanismo a nomeação de Fernão Lopes como guarda-mor da Torre do Tombo, em 1418. Seu término ocorre em 1527, quando Francisco de Sá de Miranda retorna a Portugal, após seis anos na Itália, e inicia o Renascimento em Portugal.

O humanismo surge durante um período de transições: da Idade Média para o Renascimento, do feudalismo para o mercantilismo, do Teocentrismo para o Antropocentrismo.

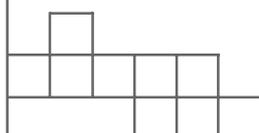
Finda a Revolução de Avis, D. João I, assume o trono português, pondo fim à dinastia de Borgonha. Ao consolidar a independência portuguesa, centraliza o poder e inaugura o Absolutismo em Portugal.

As relações sociais sofrem profundas transformações, com o surgimento de uma nova classe social: a burguesia mercantilista, responsável pelo desenvolvimento do comércio. O poder material torna-se mais importante do que os títulos de nobreza.

As grandes navegações advinda do comércio marítimo, trazem a expansão ultramarina, responsável pela formação do império colonial português, com as conquistas na África e a descoberta do Brasil.

Essa nova realidade mercantil e a ascensão do racionalismo humanista colocam em xeque o sistema feudal e provocam uma crise ideológica que atinge o Teocentrismo e a Escolástica. O pensamento torna-se mais racional e lógico e inicia-se a laicização da cultura. Esta preocupação maior com valores humanos que religiosos faz aflorar o Antropocentrismo. O homem começa a se valorizar, sem contudo abandonar por completo o temor a Deus e a submissão, visto que essa é uma fase predominantemente de transição.

O humanismo caracteriza-se, acima de tudo, como o início da renovação da cultura portuguesa. Esses novos valores, assumidos pelo homem a partir do século XIV, deixam sua marca na produção artística: na pintura, a figura humana ganha forma, expressão e proporção; a música torna-se polifônica, a arquitetura gótica agoniza. A vida religiosa, tema dos artistas até aquele momento, é substituída pelas emoções, pelo comportamento humano e pela vida urbana, uma vez que a própria burguesia passa a financiar a cultura. As grandes obras do período passaram a ter como centro de interesse o próprio homem e a realidade dos fatos.



Os meios de comunicação são aperfeiçoados e as cidades se aproximam, propiciando o surgimento dos centros urbanos. O conhecimento passa a circular com mais facilidade e a Igreja perde o monopólio do acervo cultural, com o desenvolvimento da imprensa e a formação de bibliotecas fora dos mosteiros. Isso tudo acabou por determinar a supremacia da escrita sobre a oralidade, propiciando o desenvolvimento da prosa literária e a consolidação da língua portuguesa como língua independente.

CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS.:

Literariamente, convencionou-se relacionar a palavra Humanismo ao movimento artístico iniciado na Itália no século XIV. Francesco Petrarca, poeta italiano, é considerado o pai do Humanismo, pois foi o principal precursor desse movimento que espalhou-se pela Europa, no período que corresponde à transição da Idade Média à Idade Moderna. Um de seus principais representantes foi Dante Alighieri. A Literatura passa a oscilar entre a preservação de antigos valores e a preparação de um novo homem e inicia-se o estudo da cultura greco-latina.

Na Literatura Portuguesa o início desse período é marcado pela nomeação de Fernão Lopes como cronista da corte portuguesa e o final com a obra teatral de Gil Vicente.

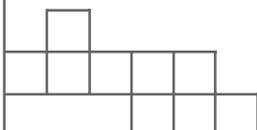
Durante o humanismo, a corte torna-se o principal centro de produção cultural e literária e a prosa e o teatro assumem lugar de destaque.

PROSA.:

Historiografia.:

Em 1418, Fernão Lopes é nomeado guarda-mor da Torre do Tombo (arquivo do Estado) e em 1434 passa a ser cronista-mor, encarregado de escrever oficialmente a história dos reis. Como ele, inicia-se uma nova época na Literatura Portuguesa.

A historiografia compreende as crônicas históricas dos reis e do povo português e caracteriza-se pelo detrimento do relato oral em favor da documentação escrita. Faz descrições detalhadas sobre a mentalidade, os usos e costumes da sociedade portuguesa da época, através de um trabalho de pesquisa e investigação crítica das fontes para confirmar a tradição e a veracidade histórica dos fatos.



Fernão Lopes ainda usa português arcaico (começa a cristalizar o português moderno como linguagem literária) e apresenta um estilo quase novelesco, com o emprego de descrições minuciosas e movimentadas das aldeias, festas populares, guerras e rebeliões. Também efetua cortes no fluxo das ações e simultaneidade de cenas, empregando diálogos com o leitor e entre as personagens. A figura do rei e do herói são os centros da história (enfocados como seres reais com defeitos e fraquezas), mas sua historiografia não é regiocêntrica: há um grande interesse pelo povo e sua influência nas transformações sociais, considerando, ainda, as causas econômicas dos fatos.

Soube sintetizar em suas narrativas toda a tradição da prosa anterior, da novela de cavalaria à crônica histórica ou moralística, preparando terreno para as novelas sentimentais, surgidas a partir do século XVI. Também pode ser apontado por explorar com propriedade a tensão dramática criada pelo confronto de personagens e de situações, bem como por caracterizar suas personagens de forma bem definida.

Das crônicas que escreve, só restam três. As demais desapareceram:

- a) Crônica del-Rei D. Pedro I
- b) Crônica del-Rei D. Fernando
- c) Crônica del-Rei D. João I

Sua obra mais importante é a "Crônica del-Rei D. Pedro I", que conta o romance de Pedro e Inês de Castro (nobre bastarda de origem espanhola). Como Pedro era o filho mais velho do rei, a corte temia tal união devido à influência espanhola: assim, Inês foi morta durante uma viagem de Pedro. Quando este regressa e se intera do ocorrido, vira um justiceiro.

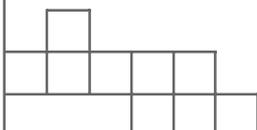
Sucessores de Fernão Lopes:

Gomes Eanes de Zurara - a partir de 1454.

Tentou continuar a visão de Fernão Lopes, com ênfase na pesquisa e na análise de conjunto. Rachou-se em testemunhos e em relatos reais e acabou sendo responsável por um retrocesso, pois apresentou uma visão senhorial da história, sem se preocupar com a veracidade dos fatos.

Rui de Pina - a partir de 1497.

Substituiu o cronista Vasco Fernandes de Lucena que não escreveu nada. Foi homem de confiança de D. João II. Se inspirou em Fernão Lopes e realçou nas suas crônicas o papel do povo nas modificações históricas. Foi sucedido por Duarte Galvão de Resende.



Prosa Doutrinária.:

Uma vez que a dinastia de Avis tornou-se o centro da produção cultural portuguesa, há a valorização dos escritos que encerrassem ensinamentos e a prosa doutrinária era justamente dirigida à nobreza, com finalidade pedagógica, conforme atestam os títulos das obras:

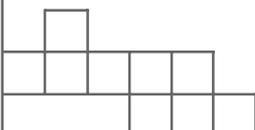
- Livro da Montaria, de D. João I, em que se ensina caçar o porco montês;
- Livro da Falcoaria, de Pero Menino, que se ensina a tratar das doenças dos falcões;
- Livro da Ensinança, de Bem Cavalgar toda sela, de D. Duarte.
- Virtuosa Benfeitoria e Leal Conselheiro, de D. Pedro.

Novela de Cavalaria.:

As Novelas de Cavalaria, surgidas durante o Trovadorismo, são narrativas ficcionais de acontecimentos históricos, relatos de combate e aventuras de cavaleiros medievais enfrentando provações físicas e morais em nome da honra e do amor.

Com o advento do Humanismo, surge um novo ciclo, desvinculado dos ideais religiosos cristãos e com erotização das relações amorosas. Inicia-se com a novela Amadis de Gaula (1508), de autor desconhecido, que foi reeditada e continuada ao longo do século XVI, formando o ciclo dos Amadis, que gerou 12 livros todos em Castelhana:

- Sergas de Esplandiám (1510), escrito por Garcia Ordonez de Montalvo;
- Florisando (1510), por Páez de Rivera;
- Lisuarte de Grécia (1514), por Feliciano da Silva;
- Lisuarte de Grécia (1526), por Juan Diaz;
- Amadis de Grécia (1530), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1532), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1535 e 1551), por Feliciano da Silva;
- Silves de La Selva (1546), por Feliciano da Silva.



POESIA.:

Poesia Palaciana.:

A poesia sofreu uma intensa crise, com o fim das cantigas trovadorescas em meados do século XIV. Somente a partir de 1450, com uma vida cultural mais intensa nas cortes, a poesia volta a florescer.

A poesia palaciana surge dentro dos palácios. É uma poesia aristocrática, mais sofisticada, feita refletindo a sensibilidade e o modo de vida da corte. Por isso mesmo, há uma certa artificialidade (futilidade) e pobreza de conteúdo no seu contexto geral, sendo vazia e muito descritiva.

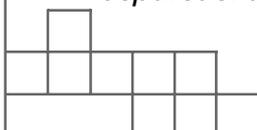
Nesse contexto de transição entre a tradição medieval e a tradição moderna, houve um desdobramento da tradição da poesia trovadoresca (Cantiga de Amor), retomando temas como a súplica moral, o amor irrealizável e a decepção amorosa. Todavia, a mulher é vista de maneira menos idealizada e mais concreta e sensual, pois, sem a rígida divisão entre as classes sociais da Idade Média, o amor torna-se possível entre as pessoas de categorias sociais diferentes.

A poesia palaciana marca o desligamento entre a poesia e a música. A poesia agora é feita para ser lida ou declamada, o que gera a necessidade de uma maior sofisticação formal e expressiva, levando seus autores (poetas e não mais trovadores) a aprimorar-se tecnicamente, trabalhando o poema com uma maior riqueza de recursos. Tal fato inicia uma elitização da arte, devido à sua linguagem não muito popular e de difícil compreensão pelo povo em geral.

O ritmo passa a ser buscado na própria linguagem, com o uso consciente de rimas, métricas, ambigüidades e jogos de palavras, aliterações e figuras de linguagem em geral. A métrica empregada consiste principalmente nas redondilhas: a maior, com sete sílabas poéticas e a menor, com cinco. Sua vantagem é a fácil memorização, pelo ritmo que apresentam.

De acordo com a disposição dos versos e das estrofes, os poemas da época são chamados:

- *vilancetes*: um mote (motivo) de dois ou três versos, seguido de voltas ou glosas (estrofes que desenvolvem o mote)
- *cantigas*: um mote de quatro ou cinco versos e uma glosa de oito a dez
- *esparsas*: única estrofe com número de versos que varia entre oito e dezesseis.



TEATRO.:

O teatro é o gênero literário em que ficam mais claras as características do Humanismo, como o conflito entre o homem medieval e o homem moderno.

As manifestações teatrais medievais não seguiram a tradição greco-latina, que já era bem avançada. Começaram a partir do nada.

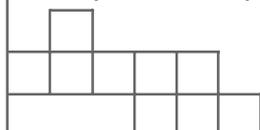
Antes do aparecimento de Gil Vicente (1462? - 1540?), o teatro praticamente não existia em Portugal, estando intimamente ligado às representações religiosas litúrgicas (mistérios, milagres e moralidades). Nos palácios, as manifestações teatrais eram à base de improvisações, momos, arremendilhos, entremezes, principalmente mímicas e também músicas e poesias.

Gil Vicente (ourivez) inicia o teatro popular em 1502, com a encenação do Auto da Visitação ou Monólogo do Vaqueiro, em homenagem ao nascimento de D. João III. Caracterizava-se pela simplicidade absoluta e por ser feito em cima de um texto, pois ainda havia improvisação. Publicou 44 peças (17 em português, 11 em castelhano e 16 bilíngües). Em 1562, seu filho, Luís Vicente, publicou a Compilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente.

O teatro é baseado em texto, escrito em versos, e muitas vezes bilíngüe (português e castelhano), com o uso de uma linguagem mais popular e até do português arcaico. Nota-se sua simplicidade cênica (palcos e cenários sem aparatos), a quebra da regra das três unidades do teatro clássico (ação/tempo/espço) e uma despreocupação com a verossimilhança.

Dessa forma, muitas vezes a peça apresenta quadros descontínuos de mesmo tema, mas sem ligação entre si, isto é, caracteriza-se como uma sucessão de cenas relativamente independentes, sem formar propriamente um enredo, que se complicam até um ponto culminante e um desfecho.

Do ponto de vista técnico, a dramaturgia de Gil Vicente era rústica e primitiva. Caracterizava-se como um teatro popular, de influência medieval (movimento de platéia, moral religiosa e concepção teocêntrica do mundo), mas imbuído de elementos ideológicos inovadores e polêmicos de crítica social: aos costumes, à nobreza, ao clero, à sociedade, aos profissionais liberais, juízes e tipos sociais. Ou seja, predomina a temática religiosa misturada com a profana (cenas da vida popular e crítica social). Cabe lembrar que o Antropocentrismo se preocupa com a vida humana, mas não rejeita ou omite a religião. Dessa forma, Gil Vicente apresenta o homem em sociedade, criticando-lhe os costumes e tendo em vista reformá-los. Trata-se portando, de uma obra com missão moralizante e reformadora. Não visa atingir instituições, mas os homens inescrupulosos que as compõem.



A maioria das peças são comédias de costumes, seguindo o lema latino "ridendo castigat mores" (pelo riso corrigem-se os costumes). As situações são absurdas e as personagens são típicas, caricaturais: não são individualizadas nem possuem traços psicológicos complexos; pelo contrário, reúnem os caracteres mais marcantes de sua classe social, profissão, sexo ou idade. Ex.: fidalgos, adúlteros, judeus, alcoviteiras, clérigos corruptos, médico incompetentes, burgueses materialista...

Suas farsas são teatros narrativos, compostos por cenas encadeadas em seqüência lógica, com começo, meio e fim. Geralmente possuem tom satírico e enfocam a crítica social e de costumes. Ex.: Quem tem farelos, O velho da horta , Farsa de Inês Pereira

Os autos são mais simples, com temática religiosa e social e geralmente são alegóricos. Ex.: Auto de Mofina Mendes e a Trilogia das Barcas (Auto da Barca da Glória, Auto da Barca do Purgatório e Auto da Barca do Inferno) que apresenta quadros de grande teor alegórico, na qual sério e cômico se contrapõem, zombando dos costumes com intenção moralizante.

A alegoria é uma figura de linguagem caracterizada pela representação concreta de uma idéia abstrata, ou seja, é uma personificação simbólica. No teatro alegórico, utilizam-se situações concretas e personagens alegóricos para representar idéias abstratas.

O Auto da Barca do Inferno (1517), escrito em redondilha maior, é uma das obras mais representativas do teatro vicentino. Nele fica evidente o conflito entre o medieval e o moderno: ao mesmo tempo em que o autor trava a interminável batalha maniqueísta entre Deus e Diabo, batalha essa defendida pelo homem medieval, ele apresenta uma crítica social os defeitos do homem da época, mostrando assim uma forte tendência antropocêntrica e moderna. A peça mostra diversos mortos recentes que se dividem em duas barcas: uma, conduzida por um Anjo, vai ao Paraíso; a outra, conduzida pelo Diabo, vai ao Inferno. Nesta peça, o cais e as barcas são alegorias da morte; a barca do inferno é alegoria da condenação da alma e a barca do céu, a da salvação.

